

A luta para preencher vagas de TI

Companhias enfrentam dificuldades no combate ao déficit de profissionais. Postos do setor são um dos dez mais difíceis de serem ocupados

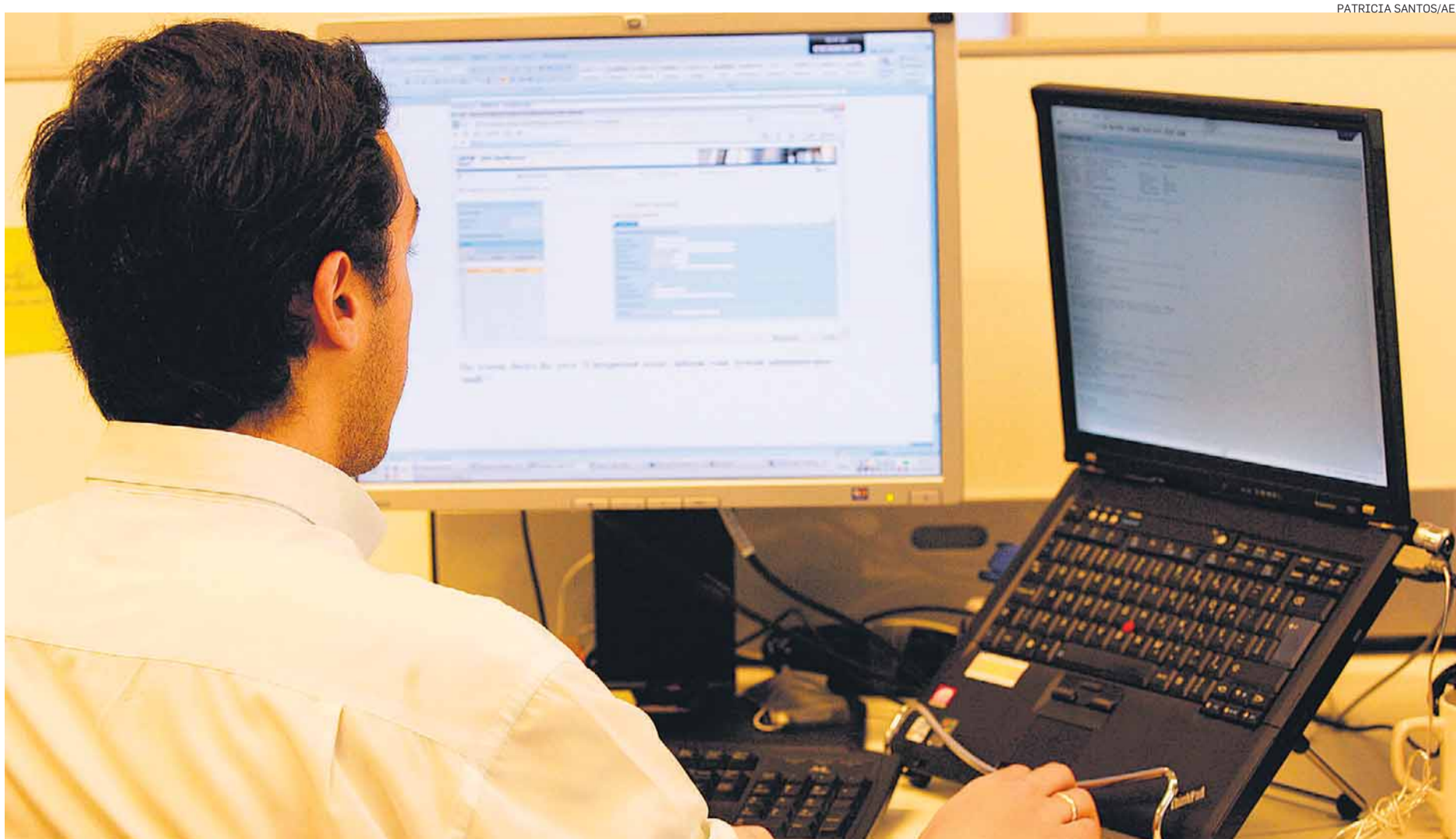
Lígia Aguilhar
ESPECIAL PARA O ESTADO

Não é de hoje que as empresas vivem um dilema: quando finalmente conseguem contratar um funcionário para a área de tecnologia da informação (TI), já têm outra vaga em aberto. Segundo uma pesquisa da consultoria Right Management, um dos dez cargos com maior dificuldade para serem preenchidos no Brasil é o de profissional de TI. E as perspectivas para os contratantes não são das melhores. O déficit do setor que hoje é de 71 mil profissionais pode chegar a 200 mil em 2013, de acordo com um estudo realizado pela Sociedade Brasileira para Promoção da Exportação de Software (Softex).

Para tentar amenizar o problema, as empresas têm buscado profissionais dentro das universidades, investido em programas de treinamento e até mesmo capacitado pessoas de outras áreas para atuar em TI.

Além da concorrência dentro do próprio mercado e da expansão do setor que cresce o dobro do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro a cada ano, as empresas reclamam que a falta de candidatos é causada também pelo pouco interesse dos alunos pelos cursos de exatas.

De acordo com dados do Ministério da Educação (MEC), 70% dos estudantes que estão ingressando nas universidades preferem os cursos da área de humanas. “Temos cada vez menos pessoas optando pela área e cursos de tecnologia generalistas, então, temos que terminar de formar o profissional na empresa, mesmo sem tempo para isso”, diz o execu-



Deficit. Contra a falta de pessoal qualificado, empresas investem em cursos de formação e capacitação até mesmo para graduados em outras áreas

tivo de parcerias educacionais da IBM, Edson Luiz Pereira.

A maior demanda do mercado é por profissionais especializados de nível sênior. Na impossibilidade de encontrar trabalhadores desse nível, a solução é recrutar profissionais dentro da própria companhia.

Por causa disso, a ascensão na

área costuma ser rápida, já que a estratégia é gerar o máximo de vagas para iniciantes e ter mais tempo para treinar e adequar essa mão de obra às necessidades da indústria. “Os recém-formados chegam ao mercado sem o conhecimento básico necessário”, diz Pereira.

“Se eu procuro um programador, por exemplo, quero alguém que saiba (a linguagem) Cobol, mas o que eu encontro é um monte de gente formado em ciências da computação que não aprendeu linguagem nenhuma.”

Idiomas. Os cursos e treinamentos complementares no trabalho amenizam uma parte do problema, porém, há uma questão ainda mais complicada e difícil para ser resolvida: a maioria dos profissionais não fala inglês, requisito indispensável para quem quer crescer na área. Muitas empresas até possuem vagas para iniciantes sem a exigência de um segundo idioma. Mas a promoção depende, muitas vezes, desse conhecimento. “Sem profissionais que falem inglês, perco contratos para empresas de outros países como Índia e China”, afirma Pereira.

É por essa razão que algumas

companhias chegam a contratar graduados em outras áreas como direito, psicologia e letras, por exemplo, onde há mais disponibilidade de mão de obra e a fluência no inglês é comum. “Em até oito semanas eu consigo formar uma pessoa para um cargo de iniciante em TI. Depois, esses profissionais acabam fazendo pós-graduação na área ou outra faculdade para evoluir na carreira”, explica Pereira.

É o caso do fisioterapeuta Carlos Alberto Carmelos Júnior, que entrou na IBM em 2002 para monitorar os sistemas de contas nacionais e internacionais por causa da sua fluência em inglês. “Eu trabalhava para pagar a faculdade e acabei aprendendo a função por meio de treinamentos da empresa”, diz.

Quando terminou a faculdade, em 2003, permaneceu no cargo para pagar os custos da sua pós-graduação, na área de neurologia infantil.

Dois anos depois, com o curso concluído, Júnior já havia desistido da fisioterapia. As várias promoções e uma experiência de trabalho fora do País fizeram-no optar pela carreira em TI. “Tive muitas oportunidades gratificantes na área e preferi usar os co-

nhecimentos da graduação em trabalhos no terceiro setor”, diz.

Atualmente, Júnior trabalha como executivo de serviços, monitorando uma equipe que oferece soluções tecnológicas para clientes externos da IBM. Para continuar crescendo ele fez um MBA em gestão de projetos e tirou uma certificação internacio-

nal em TI. “A área de informática precisa de pessoas com habilidades variadas, com vontade de aprender e que gostem de desafios. Há grandes oportunidades e boa remuneração”, diz.

Seleção. Para o diretor de educação e recursos humanos da Associação Brasileira de Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação (Brasscom), Sérgio Sgobbi, a principal causa do déficit de profissionais é o crescimento do mercado de tecnologia no Brasil.

Segundo o estudo da Softex, no período de 2003 a 2006, o número de empresas da Indústria Brasileira de Software e Serviços de TI cresceu a uma taxa média de 4,9% ao ano. Em 2007, existiam 66.843 mil empresas e em 2010 esse número deve chegar a 70 mil.

Para encontrar profissionais, Sgobbi diz que as empresas vão precisar reduzir o nível de exigência. “Estamos indo para um cenário de pleno emprego. Se o recrutador buscar só pessoas de nível superior, não vai encontrar. Nesse momento, é necessário abaixar a régua e contratar candidatos com formação técnica, por exemplo.”

Escassez de mão de obra também afeta pequenas empresas

● A falta de mão de obra na área de TI não afeta apenas as grandes empresas. Há dois anos, Marcel Figueiredo, gerente de incidente (dá suporte à área de TI) de uma grande empresa, decidiu abrir um negócio e criou um site de finanças pessoais, o Gbolso (www.gbolso.com.br). Para cuidar da programação do sistema, procurou um profissional especializado em banco de dados na linguagem SQL, mas não encontrou. “Quem era capacitado já tinha muitos clientes e os recém-formados

não tinham experiência.” Após meses de procura, contratou um especialista do Rio. “Ainda assim, há algumas questões do site que não consegui resolver até agora”, diz.

O coordenador de TI da Confederação Brasileira de Judô, Fábio Vasconcelos, enfrenta o mesmo problema. Segundo ele, a demanda por profissionais de TI aumentou porque, atualmente, a maioria das empresas procura se adequar rapidamente às novas tecnologias.

“O tempo para os profissionais da área se especializarem é, muitas vezes, inexistente”, diz. Outro problema, segundo ele, é encontrar pessoas capazes de criar novos modelos para atender a necessidade do cliente.

‘Mercado exige o conhecimento de várias tecnologias e certificações’

Quem possui alguma qualificação consegue subir mais rapidamente na carreira, mesmo tendo pouca experiência

O analista de sistemas Jefferson Santos de Araújo, 23, ainda nem se formou, mesmo assim já ostenta um cargo sênior na CPM Braxis. Aluno do último ano do curso superior tecnológico de análise e desenvolvimento de sistemas da Faculdade de Informática e Administração Paulista (Fiap), ele diz que o feito é fruto de experiências prévias, já que começou a atuar na área de TI como estagiário ainda no ensino médio.

Os vários treinamentos aos quais foi submetido no mercado de trabalho somados à experiência em outras grandes empresas ajudaram Araújo a conseguir em três anos de carreira a vaga que antes era reservada a profissionais com, no mínimo, cinco anos de experiência. “Há muitas oportunidades, mas para pessoas preparadas. O mercado exige o conhecimento de várias tecnologias e certificações”, diz.

O estudante de engenharia da computação Gustavo Akio Ishi-

zawa, de 19 anos, conseguiu o seu primeiro emprego como estagiário na Dualtec Sistemas graças a um colega de faculdade que em nove meses de empresa conquistou uma promoção. “A ascensão rápida é bem descarada nessa área”, afirma o jovem.

Antes de atuar como desenvolvedor de sites, Gustavo passou por um treinamento de um mês para aprender a função. “Com uma boa formação básica de programação é possível atuar em qualquer área, porque o que muda são detalhes”, diz ele, que sonha em trabalhar com a análise de projetos.

Empregabilidade. Segundo o coordenador de Graduação Tecnológica da Fiap, Celso Poderoso, a demanda por profissionais de TI garante que 100% dos alunos terminem o curso superior empregados. Uma pesquisa interna da Fiap identificou que

● **Regulamentação**
Para trabalhar com TI o profissional pode ser formado em qualquer área. O mais indicado, porém, é que o candidato tenha diploma de um curso de tecnologia e inglês fluente.

70% dos estudantes da instituição conseguem emprego no primeiro ano. Os outros 30% são empregados no segundo ano.

Para quem deseja uma formação mais focada no mercado de trabalho, ele recomenda os cursos superiores de tecnologia, que duram em média dois anos, em uma área específica de conhecimento.

Isso garante que o recém-formado entre no mercado já com uma especialidade. “Depois disso ele pode complementar seus estudos com um curso de graduação ou uma pós-graduação, ao mesmo tempo que agiliza a sua entrada no mercado de trabalho”, diz.

O estudante Araújo, porém, relata que por ser mais curto, o curso também exige mais tempo e dedicação do aluno. “A base de um curso técnico é maior porque é bem focado no mercado de trabalho”, afirma.

Já entre na graduação, Poderoso diz que a formação mais completa e necessária ao mercado de trabalho é oferecida no curso de Sistemas da Informação.

O salário inicial de um analista de sistemas júnior é em torno de R\$ 1,5 mil. Nos cargos mais altos, os ganhos podem ultrapassar R\$ 15 mil.



Contratados. Gustavo e Araújo já estão no mercado

Eventos devem impulsionar o segmento

A Brasscom encomendou um estudo em parceria com a Associação Brasileira das Prestadoras de Serviços de Telecomunicações Competitivas (Telcomp), sobre necessidades e oportunidades de TI nas cidades que sediarão a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

Segundo o levantamento, os dois eventos vão exigir cerca de R\$ 57 bilhões de investimentos, dos quais aproximadamente 10% serão destinados a TI, tanto diretamente, em sistemas de transmissão de dados e imagens, quanto indiretamente, em transporte público, segurança, entre outros setores.

Com base no estudo, a Brasscom acredita que os eventos podem alavancar a inovação e levar o Brasil a um salto tecnológico para equiparar-se às nações de primeiro mundo.

O estudo aponta também que o Rio de Janeiro deve receber o principal investimento direto em TI: um complexo de mídia, composto por um centro de radiodifusão e um centro de imprensa. Rio de Janeiro e Belo Horizonte devem receber investimentos em transporte urbano. Na área de segurança, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo e Distrito Federal devem ser as cidades mais beneficiadas.